

## A poesia como linguagem

COHEN, Jean. *Estructura del lenguaje poético*. Version española Martín Blanco Alvarez. Editorial Gredos, Madrid, 1970. (Biblioteca Románica Hispánica: Estudios y Ensayos).

O objetivo deste livro é a análise da poesia do ponto-de-vista linguístico-estrutural, tarefa empreendida pelo autor com métodos e estatísticas puramente científicos. Com efeito, sem obscurecer o teor misterioso da expressão poética, não há dúvida de que pode ela se prestar a profundas explorações estruturais.

Seja qual for o ângulo pelo qual se observa, a poesia sempre pressupõe um desvio em relação à linguagem normal e concretamente face à poesia. Como em qualquer aspecto estilístico, nela se observa um acentuado afastamento do código da língua. Mas em que consiste esse desvio e a que deverá a sua existência? Este o objeto central do estudo de Jean Cohen. Visto que o que distingue a poesia são as «figuras» retóricas (não meros adornos, mas procedimentos essenciais), o urgente será praticar uma série de sondagens na linguagem poética, tanto no plano fônico como no léxico e gramatical, à procura da estrutura comum às diferentes figuras.

Para esse fim, três grupos de autores franceses — clássicos, românticos e simbolistas — são estudados e utilizados para opor a poesia à prosa e para acompanhar o sentido de sua evolução histórica. Entre as figuras estudadas, al-

gumas nem sequer abordadas pela antiga retórica, encontram-se a rima, a pausa, a aliteração, o epíteto, a inversão, a metáfora, a sinestesia, etc. Nelas se busca o que até agora não se tinha feito: ora a relação entre o significante e o significado, ora a relação entre os próprios significados. Os resultados confirmam, a todo momento, a atitude desviacionista própria da poesia, ademais da progressão contínua neste sentido, desde o romantismo até hoje. São análises que surpreendem por sua agudeza e originalidade.

Quase sempre se volta Cohen, em seu livro, para este aspecto que poderíamos chamar negativo ou de rutura, visto ser o que mais necessitava de estudo. No final, descobre o sentido que têm as redundâncias e inconsequências da linguagem poética. Face ao caráter «denotativo» ou intelectual da linguagem ordinária, a poesia oferece um caráter «conotativo» ou efetivo. Para expressar seu novo modo de ver as coisas, o poeta se vê obrigado a romper os quadros lógicos ou gramaticais. Mas se rompe as estruturas normais é somente para estruturar algo novo sobre elas. Não tem outros meios de expressar o que quer dizer. A poesia, portanto, mais que algo distinto da prosa, revela-se como a própria antiprosa.

C. A.

### A PREPOSIÇÃO E SUA IMPORTÂNCIA

LOPEZ, Maria Luisa. *Problemas y métodos del análisis de prepo-*

siciones, Madrid. Editorial Gredos, 1970. (Biblioteca Románica Hispánica; Estudios y Ensayos).

Sob o título acima mencionado encerra-se todo um curso sobre a preposição, em particular sobre a da língua espanhola. Curso que, embora concebido segundo as idéias da linguística mais atualizada, não deixa de levar em conta — sempre que sejam valiosas e significativas — as contribuições tradicionais. É fora de dúvida que instrumento tão sutil como a preposição se presta a múltiplos enfoques, seja enquanto elemento de pura relação entre termos expressos ou tácitos, seja em sua função traslaticia, ou ainda em suas possibilidades combinatórias.

Os primeiros capítulos deste livro se referem a questões de caráter problemático ou geral, como são a delimitação entre preposição e outras classes de palavras (advérbios, conjunções, etc); o fenômeno da reação; as relações entre o sistema prepositivo e os casos ou os prefixos. A todo instante trata-se de caracterizar e definir esta parte da oração, assim como de sistematizar rigorosamente seu estudo, daí a autora fazer minuciosa revisão das teorias de linguísticas passadas e presentes, particularmente Potier, Testnière, White, Gougenheim e outros.

O que interessa, segundo Maria Luisa López, não é o plano do discurso, mas o da «língua», isto é, encontrar o significado fundamental que toda preposição terá para o indivíduo, antes de configurada e definida em determinado contexto. E, com efeito, todo um capítulo demonstrará, segundo o método estrutural, como se podem sistematizar as diferentes preposições espanholas, com vistas à imagem mental que delas formamos. Para a representação, vale-se a autora de gráficos, através dos quais deixa bem

visível o esquema correspondente. O estudo se realiza através de três aspectos: espacial, temporal e nocional. A parte final do livro destina-se a estabelecer uma copiosa série de oposições (gramaticais, de sentido, facultativas) entre as preposições da língua espanhola. Nestas investigações, realizadas sobre textos literários, fica sempre claro o que pertence ao uso linguístico geral e o que não passa de norma individual ou de grupo.

C. A.

## UNE MORT TRÈS DOUCE - (UMA MORTE MUITO CALMA)

BEAUVOIR, Simone de. *Une mort très douce*. Uma morte muito calma. Paris, Gallimard, 1964. 150 p.

É curioso: meu encontro com este livro se deu indiretamente em 1964, data de sua aparição, quando a revista *Etudes*, dos jesuítas franceses, registrou-o em nota bastante elogiosa, o que me surpreendeu por tratar-se de obra da papisa do existencialismo.

Casualmente me caiu êle nas mãos há pouco tempo. Sorvi de um trago só as suas 150 páginas e posso agora confirmar a plena justeza dos comentários da dita revista, cujo espírito aberto e valor científico honram a França e a Igreja da atualidade.

Se comento aqui esta plaqueta de Simone de Beauvoir é porque, de meu conhecimento, ainda não foi traduzida para o português.

Trata-se das anotações de uma fase de agonia da vida da autora, quando sua Mãe sofreu séria fratura do fêmur que acabou por levá-la ao túmulo.

De pronto há que registrar o estilo fluente, sóbrio, preciso, ner-

voso, escoreito de um virtuoso das letras. Ela registra com precisão clínica os fatos e as emoções que estes lhe inspiram, e isso quase se diria de minuto a minuto.

Ela anota as reflexões que a doença e morte da mãe lhe trazem. Menina bem comportada, pequena-burguesa como hoje se diz comumente aplicando uma expressão marxista, afirmou-se nos verdes anos pela oposição à mãe. Isso é tão comum que nem merecia referência se ela fôsse uma criatura comum. Mas trata-se aqui de Simone de Beauvoir, escritora famosa. Temos aí a condicionante básica de sua carreira mental: a mãe da escritora, mulher nascida e criada na atmosfera de autoconfiança e plenitude da Europa do século XIX, não podia nem estava preparada para aceitar as radicais mudanças do século XX. Sua filha, que nele entrara, para compreendê-lo teve de opor-se aos valores que haviam norteado a genitora durante a vida toda.

Eis, reduzido ao essencial, o drama intelectual de Simone de Beauvoir. Mas, o opúsculo em que evoca de modo tão dramático os últimos instantes de sua

mãe e o que então lhe ia n'alma, ao contrário de seus outros livros doutrinários, violentos, é um singular reencontro com a figura humana daquela que rejeitara no plano intelectual.

Há uma frase chave nessa redescoberta post-mortem da personalidade materna. Conta a autora haver encontrado nos papéis da genitora a seguinte reflexão: «Sim, eu quero ir para o céu, mas acompanhada de minhas duas filhas». Que sublime expressão materna! Foi com essas e outras que Simone de Beauvoir caiu em si e, sem renegar a própria e fulgurante trajetória intelectual, «descobriu a outra», viu a mãe não mais como antagonista mental mas tão só como ser humano de entranhas e coração iguais aos dela e demais criaturas.

Como é lindo isso e como têm razão os jesuítas de *Études* de assinalar em tom elogioso o livro da companheira de Sartre. Sim, eu também o recomendaria a todos os jovens contestadores da atualidade. Que eles vejam e sintam que, muito acima das ideologias fanatizantes e unilaterais, pairam a natureza imperscrutável e o coração humano insondável.

*Remy de Souza*